

### 3

## Análise de Dados

Neste capítulo, procuramos descrever e analisar as metáforas inscritas nos prefácios das coleções levantadas, assim como aquelas ocorrentes nas [AICs]. Consideramos, *a priori*, a sistematicidade dos conceitos metafóricos e, em muitos casos, sua estreita ligação à base experiencial do indivíduo. Assim, outros olhares podem ser lançados sobre essa mesma realidade.

Nossa classificação das metáforas segue a tipologia de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), *estruturais*, *ontológicas* ou *orientacionais*. Partimos de uma compreensão das metáforas como projeções de um **domínio-fonte**, mais concreto, a um **domínio-alvo**, mais abstrato, e, nesse sentido, preocupou-nos investigar em que medida a concepção de linguagem sugerida pelas metáforas ocorrentes nos prefácios, se coaduna com aquela sugerida pelas metáforas ocorrentes nas [AICs]. Delimitamo-nos a três domínios-alvo específicos: *texto*, *leitura* e *sentido*. São esses dados que constituem o objeto principal de descrição e análise a que se propõe este trabalho.

As noções de *texto*, *leitura* e *sentido* são aqui tomadas a partir das seguintes perspectivas bastante gerais e, dentro do possível, pré-teóricas: 1) texto é tido como *objeto material da leitura*; 2) leitura é vista como referente à *experiência* da leitura, a tudo o que se associa ao *ato* ou à *capacidade de ler*; e 3) sentido diz respeito àquilo que de alguma forma é *atribuído* ou *associado* ao texto, ou *construído* a partir dele (significados, informações, conhecimentos etc). Todavia, ressaltamos tratar-se de uma divisão até certo ponto artificial, já que nem sempre é clara a fronteira entre esses domínios. Pareceu-nos, em todo caso, um bom caminho partir dessas noções, por estarem crucialmente ligadas ao objeto desta dissertação: compreensão e interpretação.

Trabalhamos com 16 (dezesseis) manuais de português (livro do professor), referentes as quatro séries do ensino fundamental. Foram, portanto, quatro coleções de cada série:

Coleção (1): *Linguagens no Século XXI*;

Coleção (2): *Linguagem Nova*;

Coleção (3): *Ler, entender, criar*;

Coleção (4): *A palavra é sua*.

### 3.1

#### **Análise de prefácios**

Nossa abordagem, ao analisar os prefácios dos [LDPs] procurou dar conta especialmente da concepção de linguagem neles sugerida, através das metáforas neles presentes. Como os prefácios funcionam como espécies de “cartas de intenções” dos autores, analisamos não apenas as metáforas de que eles se valem advertida ou inadvertidamente, mas também o que dizem de forma mais direta sobre o tema da compreensão e interpretação de texto.

Das dezesseis obras analisadas, extraímos apenas três prefácios e um texto literário apresentado no lugar do prefácio. Essa discrepância entre o número de obras e o número de prefácios se explica, sobretudo, pela recorrência dos mesmos prefácios nos livros destinados às diferentes séries de cada coleção. Os manuais das coleções (1), (2) e (3) contêm uma seção inicial, sob o título “Apresentação”, na qual os autores não explicitam completamente a concepção lingüística que orienta o livro, embora dêem indicações a esse respeito, ora de forma mais direta, ora através das metáforas que utilizam<sup>8</sup>. Os livros da coleção (4) não possuem uma seção inicial específica; a autora usa um texto literário para apontar através dele, supomos, o modo como aquele manual pretende trabalhar as questões de linguagem e interpretação. Transcrevemos e analisamos a seguir os textos levantados.

---

<sup>8</sup>Observamos que esta análise confirma a constatação de Marcuschi (2001) de que a maioria esmagadora dos manuais se exime de declarar explicitamente a concepção de linguagem que informa e orienta esses livros.

### 3.1.1

#### Prefácio da Coleção (1)

**Olá!**

Este livro foi escrito para você.

Nele, você irá desvendar os inúmeros caminhos pelos quais os textos podem levar.

Este livro coloca ao seu alcance textos com as mais diversas intenções e finalidades para ajudá-lo nesse processo de aquisição e desenvolvimento do falar, escutar, ler e escrever.

A idéia é oferecer estratégias que lhe permitam aprender a aprender, a apropriar-se da informação, a explorar outros mundos, reais e imaginários, a desenvolver uma consciência crítica sobre os papéis que desempenha, sobre suas relações sociais, sobre o seu lugar no mundo.

A compreensão e o domínio das múltiplas linguagens que se apresentam em seu dia-a-dia são competências de que você necessita para participar ativa e criticamente da construção de novos conhecimentos e da transformação da realidade da qual você faz parte.

Essa é a proposta deste livro. Vamos começar a aventura?

A autora.

*TAKAZAKI, Heloisa Harue. Linguagens no século XXI, São Paulo: IBEP, 2002.*

Tendo em vista a caracterização dos domínios-alvo *texto, leitura e sentido*, vamos descrever e analisar as metáforas inscritas no prefácio da Coleção 1, classificando-as, nessa ordem, como **orientacionais, ontológicas e estruturais**.

Começemos pelas **metáforas orientacionais**. Identificamos nesse primeiro prefácio a seguinte:

#### (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO

A compreensão da experiência mais abstrata da leitura em termos da experiência mais concreta do deslocamento físico pelo espaço está entre os mapeamentos metafóricos lingüisticamente salientes nesse primeiro prefácio, servindo de base geral, como veremos, para outros mapeamentos de natureza estrutural. Evidência lingüística desse mapeamento é o segundo parágrafo do prefácio, no qual o ato de

ler é comparado metaforicamente ao ato de percorrer “inúmeros caminhos”, sendo o texto compreendido como o espaço em que se dá o deslocamento. A metáfora orientacional aqui empregada é bastante comum nas nossas formas cotidianas de falar e pensar sobre a leitura, o que fica claro se consideramos outras de suas inúmeras manifestações lingüísticas em português<sup>9</sup>:

- (a) Me estressei de tentar ler o que vc escreveu... *me perdi* no texto umas 5 vezes.
- (b) Eu tava lendo o txt e quando eu *passei por essa parte* que vc fala...
- (c) ...fui lendo, lendo e [...] *cheguei* ao trecho em que....

No que tange às **metáforas ontológicas**, as quais, como vimos no capítulo anterior, tomam tipicamente como domínios-fonte as noções de ENTIDADE/OBJETO e PESSOA, identificamos as seguintes:

- (2) LEITURA É OBJETO
- (3) SENTIDO É OBJETO
- (4) TEXTO É PESSOA

A metáfora conceptual (2) se manifesta lingüisticamente no terceiro parágrafo, na passagem “nesse processo de *aquisição* e desenvolvimento do falar, escutar, ler e escrever”. A capacidade da leitura, ao lado de outras capacidades cognitivas abstratas, é “coisificada”, convertida em um objeto a ser “adquirido”, em uma coisa da qual eventualmente se “tomará posse”. As metáforas ontológicas estão entre as mais comuns e também entre as mais opacas; a tendência a “entificar” domínios mais abstratos da experiência para poder atribuir-lhes propriedades de coisas (tamanhos, quantidades, lados, dimensões, cores, etc.) é tão generalizada e sistemática, que sequer nos damos conta dela. Entre os múltiplos exemplos cotidianos da metáfora (2) estão:

- (d) A leitura é um dos *grandes*, senão *o maior*, *elemento* da civilização.
- (e) Se grandes são as conquistas na área do conhecimento das múltiplas *dimensões* da leitura
- (f) ...possíveis problemas: desinteresse dos alunos; *pequena* capacidade de leitura...

---

<sup>9</sup>Os exemplos levantados a título de comparação foram, sempre que possível, extraídos de textos autênticos a partir de pesquisa no site de buscas Google.

Analogamente, a expressão “apropriar-se da informação”, no terceiro parágrafo, sugere a “coisificação” metafórica do sentido dos textos, estes compreendidos, em clara ilustração da metáfora do conduto de Reddy (da qual já falamos suficientemente no capítulo 2) como recipientes de entidades, os sentidos, passíveis de apropriação pelos leitores ou ouvintes. Trata-se de uma ocorrência clara da metáfora (3) SENTIDO É OBJETO.

Por fim, temos a metáfora ontológica (4), em que a entidade correspondente ao domínio-alvo texto é a *pessoa*. A personificação é, como vimos, um tipo de metáfora ontológica sistemática, na qual atribuímos propriedades de pessoas a eventos, ações, experiências abstratas, etc. (uma dúvida cruel, um argumento convincente, um verão inclemente, uma dorzinha irritante, etc.). A metáfora (4), em que se personifica o texto, é também bastante disseminada<sup>10</sup>. No terceiro parágrafo do prefácio, ela é claramente evidenciada na passagem “textos com as mais diversas *intenções e finalidades*”. O texto nos parece, segundo a metáfora, intencional e dotado de variadas finalidades. A linguagem é tratada como organismo humano e multifacetado. A idéia de que o texto possui intenções, importante em nossa discussão, será retomada mais adiante. Por hora, registremos apenas que são bastante comuns construções desse tipo em português:

- (h) E quantas heresias há nesse texto *atrevido e desrespeitoso*...?
- (i) Um texto *solidário* em relação aos milhares de nordestinos...
- (j) Muito do texto não me *diz* nada, mas eu superei e simpatizei com ele.

Passemos agora à identificação e exame das **metáforas estruturais** encontradas, a saber:

- (5) O TEXTO É UM VEÍCULO
- (6) O TEXTO É UM GUIA
- (7) O TEXTO É UM COLABORADOR
- (8) O TEXTO É UM OBJETO DE APOIO
- (9) SENTIDO É CONTRUÇÃO
- (10) SENTIDO É INSTRUMENTO
- (11) SENTIDO É UM OBJETO OCULTO

---

<sup>10</sup>Ver TORRES, Regina Celi Wenzel. *A personificação no texto acadêmico-formal: uma abordagem cognitivista*. Dissertação de Mestrado em Letras. UFJF, 2003.

## (12) LEITURA É UMA AVENTURA EXPLORATÓRIA

Em estreita conexão com a metáfora orientacional (1), temos as metáforas estruturais (5) e (6), que tomam o *texto* como domínio-alvo. Há evidência lingüística da metáfora (5), O TEXTO É UM VEÍCULO, em “caminhos pelos quais os textos podem levar”, logo no segundo parágrafo. A metáfora parece sugerir que o texto seja visto como um meio de deslocamento no espaço, capaz de mover o leitor por caminhos necessários a novas descobertas. Trata-se de uma metáfora relativamente disseminada, sendo naturais em português outras construções do gênero, como:

- (k) Inevitalmente *viajei* no texto e me vi na cena.
- (l) *Embarquei* no texto, quando vi já era meia-noite.

Convém observar, no entanto, que a expressão lingüística “caminhos pelos quais os textos podem levar”, encontrada no prefácio (1), poderia também ser associada à metáfora estrutural (6), O TEXTO É UM GUIA, em que as palavras são vistas não como um veículo, mas como alguém capaz de conduzir ou guiar. Trata-se de uma especialização da metáfora ontológica (4), TEXTO É PESSOA, associada de modo genérico, como vimos, à personificação. Outras construções comuns em português parecem atestar essa possibilidade:

- (m) O texto conduz *o leitor e a leitora pelas mãos* ao desenhar o futuro daquelas crianças.
- (n) Veja mais informações no *Texto Guia* da Conferência.
- (o) O leitor irá encontrar vários exercícios profundamente ilustrados que o vão *guiar passo a passo* na aquisição de uma técnica correta

Outra metáfora estrutural que, tomando o texto como domínio-alvo, constitui um subtipo da metáfora ontológica TEXTO É PESSOA, é aquela descrita em (7), O TEXTO É UM COLABORADOR. Evidências dessa metáfora encontram-se na passagem “Este livro coloca ao seu alcance textos com as mais diversas intenções e finalidades *para ajudá-lo* nesse processo...”. O texto exerceria uma função colaborativa, ajudando o aluno-leitor a desempenhar suas ações cognitivas afetas à fala, escrita e leitura. Acrescentamos outras ocorrências em português, do tipo:

- (p) O texto *auxilia* o candidato a precisar o conceito solicitado.
- (q) O texto *dá segurança* jurídica a contratos firmados livremente entre as partes.

Uma metáfora estrutural alternativamente associável a esta última expressão retirada do prefácio (1) seria aquela descrita em (8), O TEXTO É UM OBJETO DE APOIO. Outras manifestações lingüísticas cotidianas dessa metáfora seriam:

- (r) O texto é apenas um *suporte* pedagógico.
- (s) *Apóio-me* aqui num conhecido texto de Machado de Assis.

Entre as metáforas que tomam o *sentido* como domínio-alvo, encontramos, para começar, (9) SENTIDO É CONSTRUÇÃO. A evidência lingüística aqui ocorre no quarto parágrafo do prefácio: “A compreensão e o domínio das múltiplas linguagens que se apresentam em seu dia-a-dia são competências de que você necessita para participar ativa e criticamente da *construção* de novos conhecimentos”. A palavra “conhecimentos”, no contexto, pode plausivelmente ser entendida como equivalente a sentidos. Logo, a autora estaria sugerindo que os sentidos associáveis ao texto sejam concebidos como objetos por construir ou peças inacabadas, cuja construção permanente resulta da participação ativa e reflexiva do leitor. Este tipo metáfora parece mais comum em discursos teóricos contemporâneos sobre a linguagem, não comparecendo tanto na linguagem do dia-a-dia:

- (t) Segundo Charaudeau (1983), para se *construir* o sentido que corresponda...
- (u) Ainda que restrinjamos a noção de leitura ao *ato de construir o sentido de um texto, verbal e/ou não-verbal*...

Outra metáfora estrutural identificada é a (10), SENTIDO É INSTRUMENTO. Pode ser considerada uma evidência lingüística dessa metáfora a mesma passagem do quarto parágrafo, citada acima: “A compreensão e o domínio das múltiplas linguagens que se apresentam em seu dia-a-dia são competências de que você necessita para participar ativa e criticamente da construção de novos conhecimentos e da *transformação da realidade* da qual você faz parte”. Percebe-se aí a idéia de que a compreensão dos textos e os sentidos a eles atribuídos podem funcionar como instrumentos modificadores: a experiência abstrata de compreender, atribuir sentidos, é talvez associável à experiência concreta de usar um instrumento (um serrote é, por exemplo, um instrumento que modifica a

madeira, transforma-a; assim também os sentidos seriam transformadores da realidade). Outras instâncias dessa metáfora seriam:

- (v) O sonho americano: pequena história sobre uma idéia que *moldou* uma nação.
- (w) O termo “violência contra a mulher” adquire um *sentido instrumental*, tornando-se uma categoria política.

Por fim, temos (11) SENTIDO É UM OBJETO OCULTO, inscrita, por exemplo, no trecho: “*Nele*, você irá *desvendar* os inúmeros caminhos [...]”. Aponta-se aí para a possibilidade de os sentidos encontrados no texto serem concebidos como algo à espera de uma descoberta. Outras evidências dessa metáfora estrutural no português seriam:

- (x) ...cabendo ainda ao estudioso *trazer à luz o sentido* profundo do texto através da análise de suas estruturas...
- (y) ...o professor *vasculha o texto em busca de idéias* originais...

Entre as metáforas que tomam a leitura como domínio-alvo, temos, para concluir o exame do prefácio 1, (12) LEITURA É AVENTURA EXPLORATÓRIA. Mantendo estreita conexão com a metáfora (11), que acabamos de discutir, esta metáfora se manifesta lingüisticamente nas seguintes passagens: “(i) explorar outros mundos, reais e imaginários”; e (ii) “[...] vamos começar a aventura?”. Sugere-se que a experiência de leitura é algo divertido, prazeroso. Explora-se o lúdico da atividade. Além disso, ler pode ser entendido como descobrir novas perspectivas, abrir caminho para o novo, o enigmático; romper limites, transpor o território conhecido e transcender. Essa metáfora também aparece em outras construções do português, tais como:

- (z) Não me *aventuraria* ler esse romance.
- (a’) A leitura é a *descoberta* de novos horizontes, e o *desbravar* de novos caminhos.

## Comentários

Encontramos, no prefácio da Coleção 1, metáforas que apontam para as hipóteses de Marcuschi (2001), no que tange aos manuais de português. Como vimos no capítulo 2, para esse autor, os [LDPs] tendem a conceber a linguagem como sistema autônomo, de forma a-histórica. Pensamos inscreverem-se nessa



perspectiva as metáforas (2) LEITURA É OBJETO, (3) SENTIDO É OBJETO, (4) TEXTO É PESSOA, (6) O TEXTO É UM GUIA, e (11) SENTIDO É UM OBJETO OCULTO. Entre elas, parece sugestiva a metáfora (2). Ela parece indicar que o ato de ler, a despeito de constituir-se construção de sentido, poderia ser uma *coisa* passível de aquisição. As metáforas (3) e (11), tomando sentidos como objetos, ou objetos ocultos à espera de revelação, confirmam a onipresença da metáfora do conduto de Reddy nas nossas formas de falar/pensar a linguagem. A personificação do texto, metáforas (4) e (6), aponta igualmente para a idéia de que textos têm intenções e de que nos conduzem a sentidos determinados.

Levamos também outras metáforas sugestivas que favorecem uma visão pragmática da linguagem, entre elas, (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO, (7) O TEXTO É UM COLABORADOR, (9) SENTIDO É CONSTRUÇÃO, (10) SENTIDO É INSTRUMENTO, e (12) LEITURA É UMA AVENTURA EXPLORATÓRIA. Cabe, aqui, destaque à metáfora SENTIDO É CONSTRUÇÃO. Mesmo que ela não compareça tanto na linguagem do dia-a-dia, sendo mais ocorrente nos discursos teóricos contemporâneos sobre a linguagem, parece-nos mais reveladora dessa perspectiva pragmática.

Percebemos que as metáforas (5) O TEXTO É UM VEÍCULO e (8) O TEXTO É UM OBJETO DE APOIO situam-se possivelmente numa posição de neutralidade<sup>11</sup> em relação às posições alternativas anteriores.

Além das metáforas de que se utiliza, a autora fornece também indicações mais diretas em relação ao tratamento a ser dado no livro às questões de sentido e interpretação. Essa evidência não só se consubstancia no prefácio 1, como também se destina a enfatizar a orientação mais pragmática reivindicada pela autora. Merecem destaque aqui passagens do tipo:

Nele, você irá desvendar os *inúmeros* caminhos pelos quais os textos podem levar.

...estratégias que lhe permitam *aprender a aprender*, a apropriar-se da informação, [...] a explorar outros mundos, reais e imaginários, a *desenvolver uma consciência crítica sobre os papéis que desempenha, sobre suas relações sociais, sobre o seu lugar no mundo*.

...para *participar ativa e criticamente* da construção de novos conhecimentos e da transformação da realidade da qual você faz parte.

---

<sup>11</sup>Utilizamos o termo “neutralidade” numa perspectiva intermediária entre a imanentista e a pragmática (não imanentista).

Essas sentenças parecem apontar para uma perspectiva múltipla de linguagem, através da qual o leitor sócio-historicamente situado pode realizar interações importantes, enquanto sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem.

### 3.1.2

#### Prefácio da Coleção (2)

Caro estudante,

Vivemos uma época de mudanças muito rápidas, mergulhados num mundo de palavras e imagens, com os mais diversos tipos de informação, que nos chegam por televisão, livro, rádio, jornal, internet, teatro, revista, cinema... Ser capaz de opinar a respeito desse mundo, de expressar a própria vontade e os próprios sentimentos, de entender o outro e de se fazer respeitar é condição fundamental para ser, de fato, um cidadão.

Foi pensando nisso que selecionamos o material com o qual você trabalhará nesta coleção: são crônicas, contos, trechos de romance, poemas, anúncios publicitários, cenas de peças de teatro, roteiros de filme, textos jornalísticos e científicos, histórias em quadrinhos, letras de música, além de pinturas, fotos, cartuns, charges. Tudo para você ler, interpretar, questionar, emocionar-se, divertir-se.

No final de cada unidade indicamos outras atividades que complementam seu mergulho no mundo das linguagens: assistir a filmes, fazer pesquisas, ler outros livros, buscar informações em várias fontes – inclusive internet –, dramatizar, organizar debates com seus colegas, com professores de outras disciplinas e pessoas da comunidade. Na realização dessas atividades, além de enriquecer seus conhecimentos e expressar seus pontos de vista, você terá oportunidade de desenvolver sua sociabilidade, viver o desafio de aceitar opiniões divergentes, dividir tarefas, organizar-se, respeitar ritmos diferentes do seu. E, provavelmente, descobrirá que o trabalho em equipe pode, muitas vezes, produzir resultados melhores que o individual.

No final de cada volume, preparamos um caderno de questões para você trabalhar especificamente com jornal, rádio e televisão e com o universo da internet, veículos em que convivem linguagens diversas que precisam ser compreendidas, analisadas e utilizadas.

Esperamos que esta coleção contribua para torná-lo apto a enfrentar as rápidas mudanças do mundo atual, como alguém que faz parte ativa dele, questionando-o sempre mais para encontrar as respostas mais adequadas.

FARACO & MOURA. *Linguagem Nova*. São Paulo: Ática, 2004.

Entre as metáforas levantadas no prefácio 2, destacamos, inicialmente, uma **orientacional**. A metáfora (1), LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO, já identificada na análise do prefácio 1, está presente também nesse segundo prefácio, no primeiro parágrafo. Aparece linguisticamente evidenciada em “...os mais diversos tipos de informação, que nos *chegam* por televisão, livro, rádio, jornal, internet, teatro, revista, cinema”. Notamos aqui que a experiência da leitura é compreendida como análoga à experiência de encontrar objetos que se movem em um espaço de deslocamento, encontrar, no caso, os sentidos, as informações. A metáfora (3) SENTIDO É OBJETO tem aqui também uma instância lingüística.

Passemos agora à identificação e exame das **metáforas ontológicas** que tomam o *sentido* como domínio-alvo. Há indicações sugestivas no prefácio 2 da inscrição da metáfora (3), SENTIDO É OBJETO, nos segmentos “para *expressar* a própria vontade e os próprios sentimentos...” e “*expressar* seus pontos de vista”, formuladas, respectivamente, nos parágrafos primeiro e terceiro. Sugere-se, em mais uma comum instanciação da metáfora do conduto, que pontos de vista, sentimentos etc. são entidades autônomas à espera de expressão pela linguagem.

Com relação às metáforas ontológicas que tomam *texto* como domínio-alvo, levantamos novamente (4) TEXTO É PESSOA, metáfora que parece evidenciada no trecho “veículos em que *convivem* linguagens diversas”.

Entre as **metáforas estruturais** que tomam leitura como domínio-alvo, encontramos, nos parágrafos 1 e 3, uma nova metáfora, ainda não descrita:

### (13) LEITURA É MERGULHO

Essa metáfora comparece bastante na linguagem cotidiana e parece evidenciada nas seguintes passagens: “atividades que complementam o seu *mergulho* no mundo das linguagens”; e “*mergulhados* num mundo de palavras e imagens”. A metáfora insinua, entre outras coisas, que a experiência de ler é análoga ao movimento livre do corpo na água, no espaço desconhecido por sob a superfície visível. Por outro lado, insinua também que o texto possui um *fundo*, escondido por de trás de uma superfície, que deve ser ultrapassada.

As metáforas que tomam o *texto* como domínio-alvo comparecem no prefácio 2, a partir de outra metáfora ainda não descrita, a saber:

## (14) TEXTO É MATÉRIA BRUTA

Ela nos parece evidenciada em “o *material* com o qual você *trabalhará* nesta coleção”, inscrita no segundo parágrafo. Essa metáfora teria como contraparte uma concepção dos atos de ler e escrever como análogos ao ato de trabalhar a matéria bruta. A experiência concreta do trabalho com substâncias materiais serve de fonte para a compreensão da experiência mais abstrata do contato com o texto. Essa concepção também comparece com razoável reincidência na linguagem cotidiana: falamos coisas como *dar forma final a um texto; cortar alguns parágrafos; burilar um capítulo* etc.

Ainda nesse mesmo domínio, notamos uma outra metáfora estrutural, a saber, (7) O TEXTO É UM COLABORADOR. Essa especialização da metáfora ontológica TEXTO É PESSOA já foi analisada em ocorrência análoga que consta no prefácio 1. Como evidência lingüística dessa metáfora no segundo prefácio, temos “esperamos que esta coleção *contribua* para torná-lo apto a...”.

Em uma última análise a respeito desse segundo prefácio, remetemo-nos às metáforas estruturais que tomam o sentido como domínio-alvo. Observamos aqui mais uma metáfora estrutural diferente das vistas até agora:

## (15) SENTIDO É BEM VALIOSO.

No terceiro parágrafo, essa metáfora comparece na passagem “enriquecer seus conhecimentos”. Ao dar-se assim um caráter mais especializado à metáfora ontológica SENTIDO É COISA, ressalta-se o caráter valorativo da leitura, numa sociedade capitalista como a nossa. Essa metáfora comparece bastante na linguagem cotidiana. Há exemplos do tipo:

(b') ... a idéia *preciosa* de anunciar The Golden Girls comparando com Sex and the City...

(c') Esse pensamento não me *valeu* de nada.

## Comentários

O prefácio da Coleção 2, assim como o da Coleção 1, indica o comparecimento de metáforas que em alguma medida confirmam a hipótese de Marcuschi; e, outras, que nos parecem sugerir concepção pragmática. Entre estas, incluímos as metáforas (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO e (13) LEITURA É MERGULHO, sendo que esta nos parece a mais decidida em revelar a concepção pragmática dos autores. Há uma proposta explícita, através da qual eles parecem favorecer a leitura como prontidão para o novo, o desconhecido, ainda que seja possível, como vimos, associar a metáfora (13) ao viés da metáfora do conduto, se considerarmos que o texto seja visto como uma superfície que esconde um fundo.

As metáforas (3) SENTIDO É OBJETO, (4) TEXTO É PESSOA e (15) SENTIDO É UM BEM VALIOSO situam-se aparentemente entre aquelas que indicam uma concepção análoga à de Marcuschi. Já as metáforas (7) O TEXTO É UM COLABORADOR e (14) TEXTO É MATÉRIA BRUTA sugerem uma análise que aponta para uma neutralidade em relação as duas concepções alternativas.

Para além das metáforas que utilizam, as autoras parecem buscar alinhar-se a uma perspectiva pragmática: enfatizam a multiplicidade dos textos e sentidos e explicitam entenderem a verdadeira cidadania a partir de uma posição ativa do leitor, em favor do aprofundamento de sua relação com os fatos do mundo. Além disso, favorecem a capacidade de expressão da própria vontade e dos próprios sentimentos desse leitor, em uma sugestão de que o sentido não é imanente ao texto, mas construído no ato da leitura. É especialmente sugestiva dessa postura a seguinte passagem:

Na realização dessas atividades, além de enriquecer seus conhecimentos e *expressar seus pontos de vista*, você terá oportunidade de *desenvolver sua sociabilidade*, *viver o desafio de aceitar opiniões divergentes*, dividir tarefas, *organizar-se, respeitar ritmos diferentes do seu*.

### 3.1.3

#### Prefácio da Coleção (3)

No mundo de hoje tudo é muito veloz.

A todo momento, precisamos definir e manifestar nossa posição diante do que acontece ao nosso redor. A todo momento, temos de expressar nossas idéias e sentimentos, ouvir as idéias das outras pessoas e – por que não? – mudar de opinião.

Para definir nossos pontos de vista, precisamos antes de tudo saber ler: ler os fatos, ler as situações, ler os textos. Para expressar idéias e sentimentos, temos de conhecer os recursos que a língua oferece e que estão à nossa disposição, prontos para serem usados da maneira mais criativa.

É sobre coisas assim que os livros desta coleção pretendem tratar, apresentando textos que exigem leitura atenta, que levam a expressar sentimentos e a expor argumentos em debates orais e em produções escritas.

Procuramos abordar os mais diversos assuntos: situações familiares e escolares, crescimento, um pouco do universo da TV, do teatro, do cinema, das revistas e dos jornais.

Nossa intenção é colaborar para a formação de indivíduos com bom desempenho em língua portuguesa, isto é, pessoas que conseguem se expressar com clareza nas mais variadas situações de comunicação, defender seus pontos de vista, compreender opiniões discordantes e descobrir inúmeras possibilidades de convivência.

Esperamos que, ao longo do ano, este livro seja um verdadeiro companheiro na sua caminhada para ler e entender o mundo e para criar respostas novas às questões que nos inquietam.

As autoras”.

VIEIRA, Maria das Graças; FIGUEIREDO, Regina. *Ler, entender, criar*. São Paulo: Ática, 2004.

Começamos pelas **metáforas orientacionais**. Identificamos nesse terceiro prefácio a reincidência da metáfora (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO. A experiência mais concreta do deslocamento físico pelo espaço, novamente comparece nesse prefácio. Evidência lingüística desse mapeamento está no último parágrafo do prefácio, no qual o ato de ler é comparado metaforicamente ao ato de “caminhar”. Vejamos: “Esperamos que este livro seja um verdadeiro companheiro na sua *caminhada* para ler e entender o mundo”.

No prefácio 3, também comparecem **metáforas ontológicas**. Notamos a onipresença da metáfora (3) SENTIDO É OBJETO. Há evidências dessa metáfora

em: “para *expressar* essas idéias e sentimentos...”; “expressar sentimentos e *expor* argumentos”; “*manifestar* pontos de vista”. Elas estão inscritas nos parágrafos segundo e terceiro, respectivamente.

Ainda com relação às metáforas ontológicas, comparece novamente a (4) TEXTO É PESSOA. Essa metáfora, já analisada no prefácio 1, mostra-se extremamente recorrente neste trabalho. Evidências lingüísticas que apontam a sua ocorrência encontram-se no terceiro parágrafo, em “textos que *exigem* uma leitura atenta”; “livros *pretendem* tratar...”.

Entre as **metáforas estruturais** que tomam o texto como domínio-alvo, encontramos, para começar, (5) O TEXTO É UM VEÍCULO ou (6) O TEXTO É UM GUIA. A evidência lingüística aqui ocorre no terceiro parágrafo do prefácio: “que *levam* a expressar...”. Notamos a provável conexão entre a metáfora estrutural (6) e a ontológica (4) TEXTO É PESSOA. Como já dito, entendemos que a (6) é uma especialização da (4).

Uma outra metáfora estrutural que comparece no prefácio 3 é (7) O TEXTO É UM COLABORADOR. Evidência clara dessa metáfora está no último parágrafo: “esperamos que este livro seja um verdadeiro *companheiro*”. Os autores parecem indicar aqui considerarem o texto não como um guia que conduz a um lugar determinado (metáfora (6) acima), mas como tendo uma função colaborativa, como recurso acessório no desenvolvimento cognitivo.

## Comentários

Comparecem no prefácio da coleção 3, metáforas conceptuais que podem sugerir adesão inadvertida à perspectiva de linguagem descrita na hipótese de Marcuschi; e outras que nos parecem não sugerir isso. Além dessas, há algumas outras que parecem neutras. Notamos que (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO e (7) O TEXTO É UM COLABORADOR apontam concepções mais “arejadas” a respeito da linguagem. Essas concepções já foram analisadas anteriormente. A posição análoga à de Marcuschi está em (3), SENTIDO É OBJETO, (4) TEXTO É PESSOA e (6) O TEXTO É UM GUIA. A metáfora (5) O TEXTO É UM VEÍCULO parece situar-se entre aquelas que adotam uma certa neutralidade em relação às concepções alternativas já destacadas.

É sugerido de forma mais direta pelas autoras o fato de não considerarem a leitura um ato mecânico, codificado. Antes, parecem apontá-la como uma experiência de compreensão que envolve situar-se em contextos que vão além do texto como objeto autônomo, enfatizando o papel do leitor e de sua participação enquanto cidadão ativo e transformador. A leitura promove essa passagem da inconsciência, da ausência, para a inserção plena no mundo. Enfatiza-se a pluralidade dos sentidos e a possibilidade de opiniões e pontos de vista discordantes, conforme fica especialmente claro nas seguintes passagens:

A todo momento, temos de expressar nossas idéias e sentimentos, ouvir as idéias das outras pessoas e – por que não? – mudar de opinião.

Nossa intenção é colaborar para a formação de indivíduos com bom desempenho em língua portuguesa, isto é, pessoas que conseguem se expressar com clareza nas mais variadas situações de comunicação, defender seus pontos de vista, compreender opiniões discordantes e descobrir inúmeras possibilidades de convivência.

#### 3.1.4

#### Texto literário no lugar do prefácio da coleção (4)

##### Palavra

As palavras são boas. As palavras são más. As palavras ofendem. As palavras pedem desculpa. As palavras queimam. As palavras acariciam. As palavras são dadas, trocadas, oferecidas, vendidas, inventadas.

As palavras estão ausentes. Algumas palavras sugam-nos, não nos largam: são como carraças: vêm nos livros, nos jornais, nos *slogans* publicitários, nas legendas dos filmes, nas cartas e nos cartazes. As palavras aconselham, sugerem, insinuem, ordenam, impõem, segregam, eliminam. São melífluas ou azedas. O mundo gira sobre palavras lubrificadas com óleo de paciência. Os cérebros estão cheios de palavras que vivem em boa paz com as suas contrárias e inimigas. Por isso as pessoas fazem o contrário do que pensam, julgando pensar o que fazem. Há muitas palavras.

José Saramago, In: *Viajar nas palavras* (1995)

In LUFT, Maria Helena. *A palavra é sua*. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

Ao analisarmos o texto literário utilizado no lugar do prefácio (4), notamos que comparece apenas uma **metáfora ontológica** que toma texto como domínio-alvo, a saber, (4) TEXTO É PESSOA. As evidências lingüísticas dessa metáfora estão por toda parte: “palavras são boas”; “palavras são más” “ofendem”, “pedem



desculpa”, etc. “acariciam, aconselham, sugerem, insinuem, ordenam”; “palavras... vivem em boa paz com as suas contrárias e inimigas”. Aqui, percebemos a recorrência ao modelo personificado, em que texto é associado à pessoa. Essa metáfora já foi analisada em seção anterior. No entanto, é interessante observar que, diferentemente das instâncias mais cotidianas da metáfora (4), a personificação do texto nesse caso insinua não um “eu” coerente e consistente, que tem finalidades, intenções e atitudes claras, etc., mas muitos “eus”, com diferentes e contraditórias tendências. O autor parece provocar-nos a reconhecer o caráter mutável do texto, os múltiplos efeitos da linguagem.

Entre as metáforas que tomam o texto como domínio-alvo, encontramos uma ainda não descrita, a metáfora estrutural:

(16) TEXTO É COMIDA.

A evidência lingüística aqui ocorre no segundo parágrafo: “são melífluas ou azedas”. Essa metáfora comparece bastante na linguagem cotidiana e parece indicar que o texto deve ser provado, saboreado. Ora é melífluo (doce como o mel); ora é azedo. Os textos seriam plurais, voláteis, suscetíveis à degustação... Há construções análogas no dia-a-dia, tais como:

(c’) O texto de Rubem Alves é uma delícia.

(d’) Leitor *voraz* de Érico, Aimberê é um autodidata em questões de literatura.

Uma outra metáfora nova que comparece é

(17) TEXTO É FOGO.

Evidência lingüística dela está em “palavras que queimam”, no primeiro parágrafo. Há aqui várias possibilidades de analisar essa metáfora. Uma indicação que nos parece possível é considerá-la como insinuação de força, capacidade de provocar, agredir... Comparecem na linguagem cotidiana construções análogas, como em:

(e’) O considerado Ruy Alberto Paneiro, do Rio, envia texto *quentíssimo* sobre a invasão do Iraque.

## A metáfora estrutural

### (18) O TEXTO É COLA

não nos parece uma metáfora que comparece muito na linguagem do dia-a-dia. Ela está inscrita no segundo parágrafo: “palavras são como carraças”. Notamos a possibilidade de associá-la àqueles textos que povoam a memória dos leitores por muito tempo. Há em alguma medida possibilidade de construções semelhantes na linguagem cotidiana. Exemplos bastante razoáveis poderiam ser:

- (f') Aquele verso da música não me *largava*.
- (g') O estudante procura *se livrar* dos textos.

Finalmente, entre as metáforas estruturais analisadas nesse domínio, comparece

### (19) O TEXTO É UM BEM.

A evidência dessa metáfora está lingüisticamente assentada em “palavras são dadas, trocadas, oferecidas, vendidas...”. Essa metáfora mantém estrita conexão com a metáfora (15), descrita acima, O SENTIDO É UM BEM VALIOSO. Em todo caso, aqui o texto é visto como análogo a um objeto de valor, sujeito a oferta, troca, comércio etc. Essa metáfora comparece bastante na linguagem cotidiana, como em:

- (h') texto *vale ouro*...
- (i') texto *guardado a sete chaves*.

## Comentários

O texto usado no lugar do prefácio da Coleção 4 indica o comparecimento de metáforas que em parte se assemelham às vistas nos prefácios anteriores; e, por outro lado, apresentam novas concepções. Notamos a inscrição de metáforas estruturais, apenas.

O texto de José Saramago retrata bem a intenção implícita da autora de provocar no leitor a associação entre o texto e a vida cotidiana. Por exemplo, *boas* e *más* parecem referir-se às pessoas com as quais convivemos. De igual forma, *ofender* e *pedir desculpas*, também nos parecem atitudes do dia-a-dia.

Entendemos que de maneira geral a autora, ao utilizar o texto no lugar do prefácio, pretende sinalizar em favor da pluralidade e da volatilidade dos textos e de seus sentidos, sendo o texto de Saramago uma reflexão ou uma provocação sobre a própria linguagem e sobre sua inconstância e multiplicidade. Mesmo as metáforas mais cotidianas e tradicionalmente associadas à metáfora do conduto, como vimos no caso da personificação, ganham aqui um viés diferente, pragmático e não imanentista.

## 3.2

### Análise de AICs

#### 3.2.1

##### Breve Descrição

Pretendemos nesta seção descrever e analisar metáforas que comparecem nas [AICs], observadas nos [LDPs]. Elas constituem a segunda parte do *corpus* desta pesquisa e encontram-se listadas no ANEXO a este trabalho (os exemplos trazidos para a análise aqui seguirão a numeração do anexo).

A partir das hipóteses de Marcuschi (2001), assim como de pressupostos da Teoria Cognitiva da Metáfora, formulamos perguntas que entendemos relevantes, as quais este trabalho procura responder:

- (1) quais as metáforas para interpretação e compreensão de texto, presentes nos [LDPs]?
- (2) elas confirmam as hipóteses de Marcuschi?

A segunda pergunta será objeto do capítulo seguinte, depois que tenhamos finalizado aqui a descrição das metáforas encontradas.

Assim como na seção anterior, identificamos e classificamos as metáforas de acordo com a tipologia de Lakoff e Johnson, em *orientacionais*, *ontológicas* e *estruturais*.

### 3.2.2

#### Metáforas encontradas

Registramos inicialmente o comparecimento relativamente baixo de metáforas orientacionais nas [AICs] levantadas nas coleções que compõem o material de pesquisa. Essas metáforas, quando ocorrentes, se resumiram a poucos casos instanciadores da metáfora (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO. Notamos evidência lingüística dessa metáfora em:

(68) Diz-se que a leitura, além de aguçar a sensibilidade e *transportar-nos para o mundo da imaginação*, consolida a cidadania. Você concorda com essa afirmativa?

(42) Que palavras nesse texto *indicam* esse possível leitor?

(65) Verifique a *procedência do texto*.

Notamos que em (68) reaparece a idéia da leitura como viagem. Já em (42), parece que a experiência da leitura é descrita como se o leitor se deslocasse pelo espaço, precisando para isso de *indicações, sinais* etc. A metáfora (65) parece sugerir a respeito do leitor que este é caracterizado como se encontrasse um objeto que se movimenta em sua direção.

Algumas metáforas estruturais comparecem associadas a essa metáfora orientacional em ocorrências lingüisticamente evidenciadas em

(39) “Na sua opinião, por que o texto *traz* o depoimento de um especialista?”.

Aqui, a concepção de texto parece associada a um meio de transporte, conforme já descrito na seção anterior, numa instanciação da metáfora (5) O TEXTO É UM VEÍCULO. Registramos que, enquanto nos casos da seção anterior “o passageiro” era o leitor, nessa metáfora estrutural, é a própria informação que é transportada, em clara conexão com a metáfora do conduto.

Observamos que a metáfora que comparece no exemplo (42), descrito acima, ilustra também a metáfora estrutural (6), já descrita na seção anterior: TEXTO É UM GUIA. São ali as palavras que *indicam* o caminho para o leitor, à maneira de um guia.

Finalmente, registramos em relação ao exemplo (65) já citado, instanciar-se uma metáfora estrutural ainda não descrita:

#### (20) O TEXTO É UM OBJETO MOVENTE

Ela está explicitada em “verifique a *procedência* do texto”, na medida em que é aqui o texto que é tomado como um objeto que se desloca no espaço.

Quanto às metáforas ontológicas que aparecem nas [AICs], destacamos de saída a grande reincidência de (3) SENTIDO É OBJETO, compatível com a metáfora do conduto de Reddy (2000 [1979]). Está evidenciada lingüisticamente em:

- (1) *O que* significa essa frase? Que mudanças aconteceram a partir disso?
- (4) *O que* significa esta frase? “Fui crescendo e derrubei telhados”.
- (5) Você deve ter observado que as palavras não *possuem* uma única acepção, um único significado. Que critério você usou para *determinar* o significado delas no texto?
- (11) *Quais* os diferentes significados dados às palavras?
- (31) *O que* a palavra aparição sugere...
- (34) Leia as frases a seguir. *Dê o significado* do verbo “cheirar” em cada uma delas.
- (71) “*De que forma* a pergunta foi entendida? Essa interpretação é admissível em nossa cultura?”
- (74) “Alguns garotos riram... Interprete *o sentido de cada risada*, considerando as frases e o contexto em que elas aparecem.
- (87) Releia: “Sou um telemaníaco.” As idéias defendidas pelo autor *ganham ou perdem consistência* com essa afirmação?

Com relação às metáforas que aparecem aqui, observamos em princípio os inúmeros casos em que se pergunta *o que* significam ou sugerem as expressões, como se a elas correspondesse um objeto fixo e determinado. Notamos que em (1) e (4), por exemplo, sentido é tomado como objeto passível de ser recuperado, fixado, transposto etc. Em (5) a relação entre palavras e sentidos é descrita como análoga à da posse de objetos passíveis de determinação. Em (34), analogamente, o sentido é tomado como objeto determinado a ser “dado” pelo leitor. Já em (87), sentido é tomado como objeto que tem propriedades físicas, no caso, maior ou menor consistência.

Neste ponto é oportuno passarmos a descrever e analisar a metáfora estrutural (11) SENTIDO É UM OBJETO OCULTO, já ocorrente na seção

anterior. Essa metáfora comparece nos exemplos abaixo listados e instancia uma especialização da metáfora ontológica mais geral (3) SENTIDO É OBJETO. Há evidências lingüísticas dessa metáfora em:

- (26) O que as palavras “infelizmente”, “ainda” e demais *revelam* no trecho analisado?
- (32) O texto *apresentou* um único argumento favorável...
- (40) Volte ao texto e verifique se essas palavras *expressam* com exatidão o que o autor quis dizer.
- (45) Qual dos textos *expõe* dados relacionados com a produção da obra? Justifique.
- (58) Que palavra da quarta estrofe *revela* que se trata de um adulto lembrando a infância?

É relevante aqui observarmos que, entre essas metáforas, o sentido é instanciado numa perspectiva de revelação. Logo, a função da leitura parece aproximada ao ato de descortinar, trazer à luz, iluminar o que estaria oculto *sob* o texto.

Entre as metáforas ontológicas ocorrentes nas [AICs], uma é de longe a mais produtiva neste trabalho. Trata-se da metáfora (4) TEXTO É PESSOA. Essa metáfora geral está evidenciada lingüisticamente em inúmeros exemplos levantados e descritos abaixo:

- (2) Que sentidos podem *ser atribuídos* a essa frase? “De casa em casa eu fui descobrindo mundos”.
- (6) Que diferentes sentimentos o primeiro cartão *provocou* em Marta?
- (7) Ambos os textos *falam* sobre filmes inspirados em histórias reais. Cite os nomes dos filmes aos quais esses trechos se referem. Conhece algum dos dois?
- (8) O texto “Como usar melhor o e-mail” *utilizou*, como você já viu, quadrinhos para separar uma instrução da outra. Qual foi a finalidade do autor?
- (10) Qual dos textos *estabelece maior cumplicidade* com o leitor? Que recurso ele utiliza para isso?
- (12) O que *sugerem* essas duas palavras na tira de Chiquinha?
- (13) Que palavras dos subtítulos ou antetítulos *permitiram* que você fizesse essas relações?
- (15) O texto *não afirma claramente*, mas podemos deduzir que Flitwick é um professor. Identifique o trecho do texto que justifica essa afirmativa.
- (16) O poema *sugere* que é possível “ler na pele da pessoa”. Converse com um colega: como se pode ler algo na pele de uma pessoa?
- (19) O texto que você acabou de ler *conta uma história* que a autora Betty Mindlin ouviu dos índios caiapós e resolveu registrar por escrito.
- (20) A palavra daqueles associada à palavra dia *sugere* que o leitor sabe de que tipo de dia se trata. Que tipo de dia é esse?
- (21) Texto: Luis Fernando Veríssimo. O santinho, 1991. A autora utilizou uma crônica cujo título é: Diamante. O diamante *descreve um assunto* ou *conta uma história*?

- (22) O texto *diz* que um dos ratinhos não ia “entregar os pontos” (linha 48). O que entendeu com isso?
- (23) Se a fábula *ilustra* o comportamento dos homens, que espécie de pessoas os camundongos estão representando?
- (24) O texto de Monteiro Lobato *demonstra simpatia* pela cigarra. Extraia o trecho que *comprova* essa afirmação.
- (25) Na sua opinião, qual é o texto *menos tolerante* com a cigarra?
- (28) Qual ou quais desses anúncios *pretende vender* algum produto?
- (30) O que os dois primeiros subtítulos *estão sugerindo* em relação...
- (31) O que a palavra *aparicação sugere*...
- (35) [...] Que história a fotografia aqui reproduzida *sugere* a você?
- (43) O texto “Sonho de uma noite de verão” *comenta* o espetáculo em si ou está centrado no processo em que ele foi produzido?
- (44) Por que o texto “Sonho de uma noite de verão” não *antecipa* muito sobre o espetáculo em si?
- (46) Esse texto *comentou* sobre a atuação dos atores, o enredo, a fotografia, a direção e a trilha sonora. Localize no texto, os comentários sobre cada um desses aspectos.
- (48) Que poemas *tratam* o fazer poético como um ofício árduo, penoso?
- (49) O texto “Meu povo, meu poema”, de Ferreira Gullar, *estabelece várias comparações*. Que palavra serve de ligação entre essas comparações?
- (50) O que *sugere* o último verso do poema 2?
- (52) O texto *confirma* a idéia que se fez desse leitor ou não?.
- (54) “A história é apenas uma história”. Que significados distintos *possuem* as expressões “a história” e “uma história”?
- (55) O texto *comenta* que a forma de fazer jornalismo da Globo lembra os tempos das receitas de bolo da ditadura. Converse com seu professor e explique a que fatos o autor faz referência nesse trecho.
- (56) O desenho *sugere* a você um clima romântico? Por quê?
- (57) Os dois textos lidos *colocam, direta ou indiretamente, algumas questões* para reflexão. Logo, predomina neles a dissertação, a narração ou a descrição?
- (59) O texto *trata* da orfandade. Que diferença você pode notar no enfoque dado ao assunto no primeiro e no segundo parágrafo?
- (61) O texto *informa* que as manifestações folclóricas ocorrem com menos intensidade onde há um crescimento industrial. Você saberia explicar por que isso acontece?
- (80) [...] Na sua opinião, o *tom* desse texto é *triste ou alegre*?

Observamos que as metáforas inscritas no domínio TEXTO É PESSOA instanciam diferentes propriedades de pessoas em jogo. Ora, destaca-se a capacidade de linguagem (o texto fala, conta uma história, comenta, sugere etc.); ou psicológicas (estabelece comparações, é tolerante, simpático, etc); ou funcionais (informa, descreve um assunto, etc.); ou relacionais (é cúmplice).

Também comparecem nas [AICs] metáforas estruturais que configuram especializações dessa metáfora ontológica mais geral. Um exemplo seria:

- (21) O TEXTO É UM AGENTE CAUSAL

Evidências lingüísticas dessa metáfora podem ser encontradas em:

(17) Copie no caderno um trecho do texto semelhante a esse, em que uma palavra *desperta* a imaginação da menina, provocando nela a “visão” de uma cena completa.

(41) O título *chama* a atenção? A abertura *desperta* interesse?

(83) Qual é a construção mais eficiente para produzir *efeito* de verdade? Por quê?

Outra metáfora desse tipo é

(22) O TEXTO É UM PROPRIETÁRIO.

Essa metáfora parece evidenciada em:

(5) Você deve ter observado que as palavras *não possuem* uma única acepção, um único significado. Que critério você usou para determinar o significado delas no texto?

(11) Quais os diferentes significados *dados* às palavras?

(38) Qual é a primeira informação que o texto *dá* sobre as aves de rapina?

(51) Qual dos textos *possui* trama narrativa?

(63) Que sentido pode ser *atribuído* a esse trecho?

(75) Nas seguintes frases do texto, as palavras em destaque *atribuem* ações e características de seres animados ao mar. Portanto, estão empregadas em sentido figurado. Escreva frases empregando cada uma dessas palavras em sentido próprio, isto é, atribuindo essas ações e características a um ser animado”. Escreva frases empregando cada uma dessas palavras em sentido próprio, isto é, atribuindo essas ações e características a um ser animado..

Observamos ainda que essa metáfora, em algumas ocorrências, mantém fronteira bastante tênue com a metáfora TEXTO É RECIPIENTE. Essa conexão parece reafirmar uma visão de texto análoga à da Metáfora do Conduto.

Uma última metáfora estrutural levantada nessa seção, que também parece uma especificação da metáfora ontológica: TEXTO É PESSOA, está instanciada em:

(23) O TEXTO É UM SEDUTOR

Essa metáfora parece explicitada nos exemplos:

(33) [...] As fotos *conquistam* a atenção do leitor na reportagem? Por quê?

(37) Campanhas publicitárias têm como objetivo vender um produto ou *convencer* as pessoas de alguma idéia.



Os textos são vistos como instrumentos de persuasão, de convencimento do leitor.

Registramos ainda o comparecimento de uma metáfora ontológica que toma sentido como domínio-alvo. Ela está instanciada em

(24) SENTIDO É PESSOA

Há evidência lingüística dessa metáfora em:

(72) Qual seria a interpretação *mais lógica* para a pergunta do médico?

Entre as metáforas estruturais que foram encontradas nas [AICs], temos:

(25) LEITURA É DECIFRAÇÃO.

Ela parece explicitada no exemplo:

(69) Ler é o mesmo que *decifrar* palavras? Por quê?

O aluno é inquirido a esse respeito. Essa indagação parece bastante plausível, por ser recorrente na linguagem cotidiana a concepção da linguagem como código: veja-se a naturalidade de um enunciado como, “Para *ler* bem um texto, é preciso ter bom *vocabulário*”.

A metáfora estrutural

(26) O TEXTO É UM OBJETO DIVISÍVEL

apresenta relativo comparecimento entre as [AICs]. Ela parece instanciar-se nos exemplos:

(73) Forme grupo com mais três colegas e *dividam o texto em partes* de acordo com o desenvolvimento da narrativa.

(79) O texto da página anterior é um anúncio publicitário. Para que serve esse tipo de texto? Explique para os colegas. O texto *foi dividido* em duas partes distintas. Comente-as.

(89) O texto está *dividido* em três parágrafos. Resuma cada um deles em apenas uma frase, de acordo com o desenvolvimento da narrativa.

Esses exemplos parecem indicar a concepção de texto como objeto articulado em partes. Se entendermos articulação, aqui, como integração de sua estrutura, é possível considerar que essas partes se comunicam e se complementam.

Finalizamos, esta seção destacando uma última metáfora estrutural:

(27) SENTIDO É JOGO.

Essa concepção comparece com frequência na linguagem cotidiana, em situações comunicativas do tipo “Quem descobriu a resposta primeiro?” Logo, nos parece, nesta e em outras construções análogas, que sentido (a resposta, a charada etc.) é compreendido como um jogo. Nas [AICs], ela comparece em:

(85) Identifique, em cada um dos fragmentos poéticos abaixo, o *jogo* de significado ou o recurso expressivo.

### 3.2.3

#### Comentários

Inicialmente queremos retomar as definições apresentadas por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) para as metáforas conceptuais. Esses autores dizem serem mais óbvias entre as metáforas ontológicas aquelas nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas. É possível compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.

Entre as metáforas que comparecem nas [AICs], consideradas a partir dos domínios-alvo *texto, leitura e sentido*, percebemos que de longe as metáforas ontológicas são as mais ocorrentes. Inferimos, daí, que os autores dos [LDPs] parecem sugerir inadvertidamente aos leitores compreenderem suas experiências com o sentido, em termos de objetos “corporificados”.

Além disso, observamos a maior incidência entre as metáforas ontológicas daquelas que tomam TEXTO como PESSOA. Isso pode indicar uma provável concepção do texto como um produto acabado, fruto de um sujeito, não como um construto social intersubjetivo. Ele seria uma “entidade” que se reveste de autonomia, numa hipotética independência do leitor. Essa abordagem, em alguma

medida, estaria em contraposição às idéias de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), já que para esses autores a linguagem (e o texto) não reflete objetivamente a realidade, mas impõe uma estrutura no mundo, interpreta-o e constrói-o. Afastar-se-ia, pois, de uma perspectiva pragmática.

Registramos sugestivas semelhanças entre algumas metáforas que comparecem nas [AICs] e a metáfora do conduto, apresentada por Reddy. Elas parecem instanciadas em (20) O TEXTO É UM PROPRIETÁRIO. Nela, os autores parecem compreender o sentido como algo que o texto *possui* e que pode *oferecer* durante o ato da leitura.

Lakoff e Johnson, ao discordarem da concepção de linguagem indicada pela metáfora do conduto, dizem que ela constrói uma ilusão de comunicação, capaz de nos levar a pensar que nos comunicamos de forma unívoca e transparente, quando na verdade estamos construindo o sentido baseado em nossas experiências e conhecimento de mundo.

\*\*\*

São, em resumo, as seguintes metáforas encontradas nos prefácios e nas [AICs]:

- (1) LEITURA É DESLOCAMENTO NO ESPAÇO
- (2) LEITURA É OBJETO
- (3) SENTIDO É OBJETO
- (4) TEXTO É PESSOA
- (5) O TEXTO É UM VEÍCULO
- (6) O TEXTO É UM GUIA
- (7) O TEXTO É UM COLABORADOR
- (8) O TEXTO É UM OBJETO DE APOIO
- (9) SENTIDO É CONTRUÇÃO
- (10) SENTIDO É INSTRUMENTO
- (11) SENTIDO É UM OBJETO OCULTO
- (12) LEITURA É UMA AVENTURA EXPLORATÓRIA
- (13) LEITURA É MERGULHO
- (14) TEXTO É MATÉRIA BRUTA
- (15) SENTIDO É BEM VALIOSO
- (16) TEXTO É COMIDA

- (17) TEXTO É FOGO
- (18) O TEXTO É COLA.
- (19) O TEXTO É UM BEM
- (20) O TEXTO É UM OBJETO MOVENTE
- (21) O TEXTO É UM AGENTE CAUSAL
- (22) O TEXTO É UM PROPRIETÁRIO
- (23) O TEXTO É UM SEDUTOR
- (24) SENTIDO É PESSOA
- (25) LEITURA É DECIFRAÇÃO
- (26) O TEXTO É UM OBJETO DIVISÍVEL
- (27) SENTIDO É JOGO.

No próximo capítulo, passamos ao cotejo entre os prefácios e as [AICs].